



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 12, v. 1 nov.2019-abr.2020

p. 101-129.

Migrar para o litoral: onde nossas histórias se encontram

Sérgio Pessoa Ferro¹

RESUMO: Este trabalho conta um capítulo da história de vida de Nina Kelly, nascida em 1959, travesti, transformista, costureira, destaque de escola de samba. Do interior da Paraíba, migrou para a capital ainda adolescente, onde se estabeleceu. A narrativa foi construída com base numa metodologia interdisciplinar, elegendo o gênero textual da entrevista comentada como método de produção discursiva. Posicionamos os estudos sobre Direitos Humanos entre a Teoria Literária, História, Geografia, Psicologia e Direito. Como fontes primárias de informação, manejamos, além da entrevista semiestruturada, fotografias decorrentes do acervo pessoal de Nina. A perspectiva de Maurice Halbwachs nos oferece o conceito de memória enquanto construção social, de modo que o individual e o coletivo se cruzam em nossas lembranças, encontrando na trajetória de migração um ponto de interseção entre nossas histórias. Assim, através das reminiscências de Nina, pretendemos mergulhar na memória social da comunidade sexo-gênero dissidente brasileira em seus deslocamentos no espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Memória social. Sexílio. Diáspora homossexual. Direitos Humanos. Paraíba.

Abstract: This work describes a chapter from Nina Kelly's life, born in 1959, *travesti*, drag queen, seamstress, notorious samba performer. Originally from the countryside of Paraíba, she migrated to the capital when she was a teenager. The narrative was written based on an interdisciplinary methodology, namely a commented interview as a discursive production method. We position human rights studies as in-between literary theory, history, geography, psychology, and law. In addition to the semi-structured interview, photographs from the subject's personal collection were used as primary source. Maurice Halbwachs's perspective offers us the concept of memory as a social construction, wherein individual and collective intersect, finding in the migration path a point of intersection between stories. Thus, through Nina's memories, we intend to delve into the social memory of the Brazilian dissident sex-gender community in its movements through different spaces.

Keywords: Social memory. Sexile. Homosexual diaspora. Human Rights. Paraíba.

Resumen: Este trabajo cuenta un capítulo de la historia de vida de Nina Kelly, que nació en 1959, travesti, transformadora, costurera, y destacada de la escuela de samba. Desde el interior de Paraíba, emigró a la capital aún adolescente, donde se instaló. La narrativa se construyó con base en una metodología interdisciplinaria, eligiendo el género textual entrevista comentada como método de producción discursiva. Posicionamos los estudios de derechos humanos entre teoría literaria, historia, geografía, psicología y derecho. Como fuentes primarias de información, utilizamos, además de entrevista semiestruturada, fotografías resultantes de la colección personal del sujeto. La perspectiva de Maurice Halbwachs nos ofrece el concepto de memoria como construcción social, de modo que lo individual y lo colectivo se cruzan en nuestros recuerdos, encontrando en el camino de la migración un punto de intersección entre nuestras historias. Por lo tanto, por medio de las reminiscencias de Nina, tenemos la intención de profundizarnos en la memoria social de la comunidad sexo-género disidente brasileña en sus desplazamientos en el espacio.

Palabras clave: Memoria social. Sexilio. Diáspora homosexual. Derechos Humanos. Paraíba.

¹ Doutorando na área de Direitos Humanos e Desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas (2017) e pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (2019), ambos da Universidade Federal da Paraíba. Graduado em Direito pela Universidade do Estado da Bahia (2013). Advogado e realizador audiovisual. Pesquisa na área de Direitos Humanos, Epistemologia, História do Direito, Direito de Crianças e Adolescentes, Direito da Igualdade Racial, Direito da Diversidade Sexual. Integra o grupo de pesquisa História do Direito (PPGCJ/UFPB). E-mail: sergiopessoaf@hotmail.com

Recebido em 02/09/19

Aceito em 11/11/19

O seu texto tem uma construção fragmentada. Lembranças e fantasmas misturam-se, e algumas vezes também lembranças de lembranças.
(Monique Le Moing)

1. Introdução

Nascida no município de Serraria/PB em 5 de julho de 1959, Nina foi entregue por sua mãe à parteira, logo após o nascimento. Da família biológica, filha de Geralda Piojota, foi a primogênita e não tem notícias sobre pai e irmãos. Ela tem um irmão adotivo que mora no Rio de Janeiro, o membro da família com grau de parentesco mais próximo que mantém contato. Quanto aos pais adotivos, Maria Rodrigues, além de parteira, era dona de casa, e Zé Rodrigues, trabalhador rural. O pai morreu com cerca de 50 anos, em decorrência do consumo abusivo de álcool e a mãe, de óbito natural. No registro civil, designaram-lhe o sexo masculino, entretanto, Nina, desde criança, identifica-se com a feminilidade.

A família biológica era católica, foi batizada, mudando-se para viver com a família adotiva em Mari, na região do brejo paraibano. Por volta dos 10 anos, Nina foi morar na capital do Estado, na casa do Capitão Eliezer, responsável pelo restante de sua criação, como se refere em seu discurso. Remetendo-se ao passado na escola como um lugar de exclusão, conta que o preconceito a afastou da educação formal. Com seu marido Genival, Nina morou dez anos, somando quinze de namoro e casamento. Depois de trabalhar muito tempo no serviço doméstico, tornou-se proprietária de uma pequena loja de roupas e eletrodomésticos. Cardivando de Oliveira, radialista, a convidou, pela primeira vez, para desfilar numa escola de samba, e desde então se somam mais de trinta anos nos destaques do carnaval-tradição pessoense.

Nina Kelly, habitando as trincheiras culturais do movimento pela libertação sexual na Paraíba através da arte transformista, contribuiu para a formação e permanência da comunidade sexo-gênero dissidente local. Seu corpo visível para além do estigma tem ocupado as avenidas, demarcando um território-travesti no espaço urbano cotidianamente tornado cenário de violência. (SILVA, 2009) Neste texto, contaremos um capítulo de sua história de vida, marcado por seus deslocamentos do brejo para o litoral potiguar e paraibano.

A narrativa partiu de pesquisa com abordagem interdisciplinar, reunindo aspectos da história oral (MEIHY, 1996) e da Teoria Literária do discurso memorialístico. (LIMA, 1986) A realização da entrevista principal foi precedida de vários momentos de aproximação, diálogos, vivências, observações, concessões e acordos sobre o projeto. Trabalhei também com diário de



campo ao qual recorri durante a transcrição das palavras de minha interlocutora, ferramenta importante para reconstruir o contexto das falas na passagem da produção oral para a escrita. (REY, 2010; VANOYE, 1985)

Em sua revisão sobre a memória, Maurice Halbwachs (1990), assinalando o caráter de construto social e coletivo das recordações, se contrapôs à visão de Henri Bergson (1990), para quem as lembranças estariam armazenadas no cérebro dos indivíduos. Mais próximo da concepção de Halbwachs, Paul Ricœur (2007) discute o exercício da memória, sua dimensão inventiva: as reminiscências postas em ação contra o esquecimento. Nesse sentido, este trabalho espelhou-se nas estratégias narrativas de Ecléa Bosi (1987), no registro das lembranças de trabalhadores paulistas idosos, que, devido à idade, segundo a autora, conseguiriam referenciar seu passado num pano de fundo mais bem demarcado que as pessoas jovens.

A memória coletiva da comunidade sexo-gênero dissidente tem sido silenciada no Brasil, exterminada na materialidade das violências letais motivadas por ódio. (BAPTISTA; BOITA, 2017) A memória oficial soterra nossas lembranças, nos faz perder os rumos da história, produzindo memórias subterrâneas. (POLLAK, 1989) Da borda, temos a subjetividade despedaçada, sem pertencimento afetivo e social ao país que nossa força de trabalho também ajudou a construir. O encontro das memórias de Nina Kelly com as nossas permite a afirmação de um patrimônio mnemônico sexo-gênero dissidente em suas relações com a identidade nacional, sobretudo nas intersecções, como os fluxos migratórios.

A entrevista foi feita em sua residência, no bairro do Castelo Branco, em João Pessoa/PB, no dia 18 de agosto de 2018, numa tarde de sábado, com duração de pouco mais de 3 horas. Guiado por um roteiro, o relato colhido nesta ocasião serviu de base para o texto dos próximos tópicos, intitulados, respectivamente, “Infância em Mari/PB: a necessidade de mudar” e “Andanças rumo ao litoral: um gesto de nomeação”, organizado sem estilo literário, de acordo com o tom autobiográfico da protagonista. A divisão dos itens se orienta pelo critério cronológico e territorial. Ao fim, acrescentarei comentários à narrativa de Nina Kelly, combinando nossas memórias em torno de temas como sexílio, diáspora homossexual, espaço, história e direitos humanos.

2. Infância em Mari/PB: a necessidade de mudar

Não conheci meus pais. Só adotivos mesmo: Maria Rodrigues e Zé Rodrigues da Silva. E a família original, como é que chama? Adotiva é um, e verdadeiro é outro. Adotivos eram os que



me criaram, não é assim? É Geralda Piojota, da família dos Piojota de Serraria. A minha mãe diz que a minha mãe verdadeira só me deu porque a família dela não aceitou quando ela pegou barriga de mim. A família dela não queria por causa da idade dela, que era de menor.

Ela não tinha onde ter, os irmãos dela começaram a implicar: quando a criança nascesse, eles iam matar todos dois. Aí a bichinha fugiu de casa, foi para a casa de outra família, sendo tia dela, parente dela. Quando chegou lá, pronto, a família deu cobertura para ganhar neném. Quando ela deu à luz, me deu à parteira, a madrinha de embalo, parteira, né? Para tomar conta de mim, foi essa mulher que me criou até enquanto ela foi viva. Maria Rodrigues da Silva.

Geraldo, Maria do Carmo, Rosa, Delinha e João Rodrigues. E eu, era de criação. Era [João Rodrigues] com quem eu fui criado, quem me tem como família, como irmão. Mas não é irmão, é sobrinho meu. Mas me criou como irmão dele, era para chamar de irmão. De Serraria, eles começaram a andar. Tu não sabes como é esse povo pobrezinho? Foram morar em Pilõezinhos ainda; em Amarelinha, ficaram um tempo. Ficaram um tempo em Santo Antônio, ali perto de Sapé. Aí, pronto, ela comprou uma casa em Mari e ficou lá. Maria Rodrigues era dona de casa e o povo convidava ela para fazer trabalho de parteira. Zé Rodrigues fazia serviço de campo.

Ainda estudei um pouquinho quando era pequeno, aí começaram a fazer *bullying* comigo. Naquele tempo não era *bullying* não, era apelido. Ficavam me apelidando. Com é que chama? Macho-fêmea! Não era nem viado, era macho-e-fêmea comigo, que eu era menina mesmo. O viado era masculino. Se tivesse algum menino que sentisse que era gay, aí eles ficavam: “— Olha o viadinho, olha o viado, olha o fresco! Olha!” Não chamavam travesti porque naquele tempo, lá no interior, não via viado feminino, feito mulher.

Não via, o primeiro fui eu mesmo. Por isso que lá todo mundo me respeita. Até aqui em João Pessoa, no jornal botaram: “primeiro travesti de João Pessoa”. Nesse tempo, o povo não assumia, era escondido. E eu era do povão mesmo. Eu era do povão. Todo mundo me considerava, me respeitava. Até os marginais. Não mexiam, não, me respeitavam. Lá em Mari, eu ainda estudei, pequena. Quando voltei, tudo diferente. E, outra, que eu tinha vergonha que eu era desse jeito. Achava que o povo ia mexer comigo. Saí também por causa disso, o povo começou a me chamar de macho-e-fêmea, dizia que eu tinha dois sexos, que não sei o quê... Aí eu não gostava:

— Dona Maria, Ninor é macho.



— É macho nada, isso é uma fêmea, com a cara de mulher desse jeito, com o cabelão desse jeito.

Diziam coisa, minha mãe chegava, mexiam com minha mãe. Porque ela dizia que eu era m... Pensando que... Não sabia o que fazer. Não ia estar arengando com ninguém. Mas o povo jogava isso direto porque... Jogava, mexia com ela perguntando por mim. A bichinha:

— *Ele* está em casa.

Ah, menina, para que ela chamava *ele*? O povo não aceitava. Dizia:

— Que ele?

— Aquilo ali é *macho-e-fêmea*!

Pobre da minha mãe. Já, como ela não era a minha mãe verdadeira. Ela se chocava, né? Porque foi ela quem me criou. A minha mãe verdadeira eu não conheço, não. Eu conheço só a que me criou. Zé Rodrigues, quando ele morreu, eu era pequenininha, me lembro de tudo ainda. Deu muito conselho a mim, para eu não abandonar a mãe. Porque sabia que eu não era filho verdadeiro: “— A gente lhe respeita do jeito que você é, não deixe Maria. Você sabe que os próprios filhos dela não a respeitam”. Está vendo como meu pai dizia? “— Os próprios filhos dela, Ninor, (porque eles me chamavam Ninor), não respeitam sua mãe. Quem lhe criou foi a gente e você tem todo o respeito por nós. Por isso, não abandone Maria porque ela tem filho, mas é o mesmo que não ter”. Sangue de Cristo! E eu pequena ainda me lembro.

Ele me chamou na cama, na hora que ia morrer: “— Nôr, nôr”. E mãe: “—Vá lá, vá”. Aí eu: “— Como é que eu vou? Ele não está doente?”. Ele deitadinho, com a cabecinha para o lado da parede, se desemborcou e fez: “— Eu quero conversar contigo. Eu sei que você é muito pequena, mas você vai se lembrar do que eu vou lhe dizer quando você crescer”. Ele me disse, e eu me lembro até hoje. Ele não mexia comigo. Ela dava na gente, ele não. Ele fazia pantim, mas não dava. Não tinha coragem de abaixar a mão. Eu era capetinha mesmo.

Ele não queria que ela batesse, de jeito nenhum. Ela aproveitava quando ele saía. “— Nôr, venha cá. Por que você fez isso?” Eu já danava o pau a chorar, porque ele era meu pai. Quando ele levantava a mão para mim, ele ia dar? Bom, se agarrava comigo e ficava chorando.



Não dava. Ela batia. A mãe é quem toma conta. Olha aqui, velhinha minha mãe, minha amiga, eu. Parece que Rosa está aqui. Faz tempo. Joãozinho lá para trás. É muito antigo.

Figura 1 – Aniversário em família (1986).



Fonte: Arquivo pessoal de Nina Kelly

Eu só saí de casa depois que Rosa, minha irmã, começou a me levar para o campo de fumo, para o campo de abacaxi. Para eu não ficar em casa, porque o povo ficava me chamando de macho-e-fêmea. Eu com o cabelo por aqui, mas tinha nome de homem. O cabelão grande. Eu pequenina, uma menina, só que o nome era masculino. Meu irmão mais velho me levou para o colégio. Adalto Paiva era o professor e advogado. Ele disse:

— Severino Rodrigues da Silva, venha cá. Você é uma menina, por que você está com nome de homem?

Eu, coitada, pequena não ia saber responder, não sabia dizer nada. E ele disse:

— Mande sua mãe vir aqui depois, viu.

— Está certo, senhor.

Quando foi no dia da reunião, minha mãe chegou com aquela cara de choro. Eu disse:

— O que foi, mãe?

Eu já sabia o que era: por causa do nome. O professor disse:



— Por que você não muda o sexo de sua menina? Como é que ela é uma menina e a senhora bota nome de homem? Se ela tem dois sexos, por que a senhora não tira um e deixa um? Por que ela é hermafrodita, é?

Ele disse até isso com mãe. Foi por isso que ela me tirou de Mari e me levou para Natal, porque o povo me chamava de macho-e-fêmea. Pobrezinha, você sabe como é, né? Esse povo pobre é tudo cismado, tudo com medo. Antigamente não era como é agora. Ah, agora é liberal. Agora, homem se casa com homem. Mulher se casa com a outra. Troca o nome na mesma hora, se quiser. Mas, naquele tempo, eu duvido, visse?

Era tão certo, já como era atrofiado, o doutor disse que tinha como operar. Mãe não deixou porque foram dizer que era para fazer teste. Para que foram dizer isso a ela? Ela: “— Ai, não, não” Não quis. Se fosse o caso de perguntar, “— Quer?”. Eu diria, “— Sim!”. Eu sem saber. Mas, deixa, que teste é uma coisa que nunca foi feita. Queriam cortar a ‘pimba’, que era embutida. Quem queria fazer era o médico, esse doutor. Disseram para ela, “— Olha, Dona Maria, é teste”. E ela ficou doida. Como ela não tinha dinheiro para pagar, ia ser tipo uma experiência. Para ver se dava certo. Ela não deixou.

Nesse tempo eu morava em Mari, na rua da Aliança. Meus irmãos começaram a casar, foram ficando velhos e indo cada um para os seus cantos. Quem ficou com ela foi Rosa, mãe desses meninos que me chamam de irmão. Eles nasceram comigo e ficaram perto de mim. Ela não se mudou, os filhos dela nasceram dentro da casa de minha mãe. Os outros já estavam todos nos seus cantos. Solteira, só estavam Carminha e eu. Ela foi trabalhar em Natal, arrumou um canto. Bastião era filho de Rosa, era meu irmão de criação também. Ele era sobrinho e me tinha como irmão. De solteira só tinha Carminha mesmo, o resto eram meus sobrinhos que ficavam dentro de casa. Quando minha mãe ficou sem ninguém, Rosa, depois dos filhos todos criados, começou a beber e judiar com a minha mãe.

Eu era uma menina com nome de homem. Os vizinhos: “— Oxente, comadre Maria, a senhora pegou Nôr e diz que ele é macho? Com essa cara de fêmea”? Começaram. E minha mãe, coitada. Carminha já estava em Natal, quando ela chegava, via mãe toda diferente. Ninguém mexia. Ninguém chama de viado, me chamavam de macho-e-fêmea. Eu arengava, não era flor que se cheirasse, batia mesmo.



Eu, pequenininha, era de sainha, blusinha, toda menininha com cabelão grande. Os peitos cresceram, nunca tomei hormônio e meus peitos eram bem grandes. Abaixou porque eu gostava de os machos chuparem. Acabou o hormônio feminino, ficou o hormônio masculino e arriaram os peitos. Quando eu comecei a crescer, o hormônio feminino foi adiantando, aumentando. Eu fiquei toda que nem uma fêmea mesmo, tinha cara de mulher. Eu fiquei velha com uma cara de mulher. O povo me respeitava por causa disso. Até hoje o povo jura que eu sou uma coroa. É: “— A senhora já tem neto?”.

3. Andanças rumo ao litoral: um gesto de nomeação

A brincadeira era de boneca, brincando de casinha. Qualquer pantim, se você arengasse com a outra, elas sabiam do meu caso, que a família dizia para as filhas. “— Cuidado, não, minha mãe falou que tu és macho-e-fêmea”. Eu dizia: “— O quê?” Voava nos cabelos delas. As pobres eram quem pagava o pato. E saíam para casa chorando. Depois vinha a mãe: “— Tu fizeste o que, em Ninôr?” “— Ela me chamou de macho-e-fêmea e disse que foi você quem disse”. “— Foi o que, Maria? Tu disseste isso a Ninôr?” “— A senhora não disse que ele é macho-e-fêmea?”

Mãe, sabendo disso, começou a implicar para eu não brincar mais com a menina. Com isso, comecei a andar com Rosa, que trabalhava com o capitão. O capitão me via debaixo das plantas, ou, senão, ajudando Rosa em alguma coisa. Ele disse:

— Rosa.

— Diga.

— Não quer que eu leve Ninôr lá para casa, não? Isso é que coisa que se faça com a... com o menino? Olha para aí, pequenininho desse jeito, o povo fica mexendo com ele.

—E você queria o quê? Ele com uma cara de fêmea desse jeito.

O capitão notou logo:

— É bem apelidado.

— É isso mesmo.



— Vá em casa e fale com a sua mãe, que eu vou tomar conta como meu filho.

Foi, ainda me lembro. Eu tinha uns 10 para 11 anos. Quando meu pai morreu, eu estava com 8 ou 7 anos. Era novinha mesmo. Comecei a trabalhar com Rosa. Ele era capitão de campo, tomava conta de tudo. Lá em Mari, tinha a fazenda, mas a casa dele era aqui em Tambauzinho. Rico, foi por isso que minha mãe não ligou porque ele disse que mandava tudo lá para casa no meu lugar, fazendo de conta de que estava ajudando.

Pois dito e feito. Rosa o levou para ver minha mãe, quando chegou lá e viu a casinha: “— Meu Deus, essa mulher não tem condições de criar esse menino”. A casa acabadinha, não tinha nada. Pobrezinha. E eu ia dizer que não? Ainda bem que eu era medonha, pequenininha, mas já sabia fazer as coisas. Porque já era da tendência mesmo. Até hoje sei de tudo sem precisar de leitura nenhuma. Já é de mim, faço tudo. Nem ligo.

Nisso, o capitão Eliezer foi lá e disse:

— Não ligue, Dona Maria. Ninôr vai lá para casa, eu tenho fé em Deus que esse nome dele não vai continuar sendo Ninôr. Dona Maria, eu acho tão ridículo, uma menininha mesmo com esse nome de homem. Por isso que o povo fica apelidando.

Coitada de mãe. Calada estava, calada ficou. Depois, disse:

— Você quer, Nôr?

Perguntou até a mim. Eu fiquei assim, e disse:

— Não sei, capitão, mas eu vejo a minha mãe, não vejo?

— Você é dela. Eu vou só te ajudar, você vai para minha casa para ser ajudada, para quando crescer ser alguma coisa na vida. Vai estudar, vai tudinho.

— Está certo.

Fiquei muito contente. Mãe já velhinha, me agarrei com ela, chorando. Ele disse:

— A hora que você quiser, que Rosa vir, você poder vir também.



Porque Rosa trabalhava lá no campo e todo dia tinha que vir para a casa de mãe. Eu mandava bolo, mandava as coisas. Dizia, “— Olha, capitão, minha mãe gosta tanto de bolo”. Leite todo dia, qualhada. Era: “— Mãe, se a senhora vir, cada vestidinho lindo” – porque eu já usava vestidinho, não era roupa de homem, não. “— Rosa diz que você tem cada roupa bonita, muito chique”. O capitão sempre me levava lá quando eu pedia. Só ficou ruim quando eu vim embora, quando o capitão entregou os tempos de trabalho dele lá. Entregou não, vendeu a parte dele. Por que, não é assim? Eles pegam e vendem as partes deles?

— Só que vá avisar a sua mãe, que você vai com a gente, viu? Não quero que você fique aqui, não.

Já fazia tempo que eu estava com ele. Ele ficou com dó, já acostumado comigo. Era. O filho dele era lindo, começou a paquerar. Começaram a dizer que eu era irmã dele, que não podia. Pimba, eu não tinha piriquita, não tinha nada. Mas, pelo menos, me respeitavam do jeito que eu era. Amei lá por causa disso, me consideravam. Ele era que me queria. Eu me segurei, mas aconteceu eu já aqui, eu já mocinha. Diz como aconteceu? Levaram os amigos. Já entendesse? Para me experimentar, para dizer que eu curtia. Para depois sobrar alguma coisinha para mim, acho que ele pensava isso. Mas não dei. Eu dizia a ele:

— Não vou fazer nada com você, que eu sou sua irmã. Cobrava quando ele queria, aí inventava isso.

Só sei que, antes de o capitão sair de lá, ele virou:

— Você quer passar uns dias em casa?

— Ave Maria, mãe vai ficar muito contente.

— Pois aproveita que você vai para João Pessoa, viu.

Eu disse:

— Está certo.

Advinha o que mãe fez? Eu fiquei uns dias em Mari, mãe pegou e me levou para Natal. Com medo, achando que iam tomar conta de mim de uma vez. Para tu veres esse povo velho como é. Fica com medo mesmo. Eu, jovem, ainda novinha. Não estava nem com 13anos.



Completei os 15 anos lá, eu era pequena. Fui para a casa do capitão bem novinha. Aí pronto. Quando cheguei em Natal, fomos ficar no morro da Mãe Luiza. Carminha disse: “— Deixa eu ficar com Nôr aqui”. Ela ainda me chamava de Ninor, porque o capitão botou Nina depois que eu vim de Natal. Eu fiquei um bocado de tempo lá com minha irmã.

Aí apareceu um rapazinho, Neto, que tinha 16 anos e eu tinha 13. Comecei a não me dar bem no morro da Mãe Luiza, que era na praia. Areias pretas. Minha mãe pediu para ficar com ela, porque sentiu que eu estava adoecendo. Com o nariz entupido, até hoje não me sinto bem com o frio. Só sei que eu fui. O rapaz, lindo, começava a me olhar assim com aquele olho penoso. E eu toda moreninha, toda enxeridinha. Ainda me lembro.

Ele pediu à mãe para me levar para esse cinema do Alecrim. Lá tinha um cinema nesse tempo. Carminha dizia: “— Tu queres ir, Ninor? Vai com Neto. Agora, não diga nada sobre você, porque ele vai fazer perguntas. A gente te chama de Ninor, mas se ele te perguntar seu nome verdadeiro, diga que é Severina”. Por que não é Severino? Nôr era apelido. “— Diga que é Severina, não diga o nome verdadeiro”. Eu disse: “— Está certo”. O menino ficou doido por mim. A mãe mandava, a minha irmã liberava. Eu tinha que perguntar a ela, que ela era mais velha.

O menino começou, doido, novinho, seco. Advinha o que eu fazia? Ficava roçando. Ai, como era bom. Tudo. Eu era muito boyzinha. Era tão sério, que ele dizia:

— Se você fosse na minha casa, vou fazer tudo para segurar você.

— E tu me aceitas desse jeito?

Ele era entendido e eu não sabia. Nem sabia o que diabo era isso. Acho que ele era gay também e não sabia. Homem, lindo, lindo. E eu ia saber o que era isso? Não sabia, não. Não sabia o que era viado. Sabia não. Eu vim saber, bem dizer, mesmo, depois que eu cheguei aqui e o capitão disse. Até minha mãe dizia, lá em Mari: “— Não vá andar com Bené. Bené é uma pessoa assim, assim e assim”. Mas eu dizia: “—E o que é, mãe?”. Ela sem querer me dizer, porque já sabia que eu era travesti. Que quando crescesse, não ia virar masculino, ia virar fêmea. Ela dizia:

— É um homem que curte com outro homem, ele transa com outro homem. Ele vai se aproveitar de você. Ainda que ele não quiser fazer, pega os carinhas, para curtir com ele, e botar você de isca.



E aconteceu tudo que ela me disse. Está vendo que não pode? Ele pegava e dizia: “— Você curte com ela se sair comigo primeiro”. E eu ia adivinhar? Os caras, para saírem comigo, faziam. Mas era escondido. Tu sabes como é interior, pequenininho. Meu irmão, que é do Rio, quando me via com Bené na pracinha que tinha lá, até hoje ainda tem... Só que agora é mais chique, uma coisa bonita. Não era que nem antigamente. Bom, chegou, escondidinho. Ainda me lembro, não tinha luz. Não tinha nada nesse tempo lá, onde ela morava, onde eu morava.

No escuro, cheguei lá:

— Nôr!

— Senhora, mãe.

— Você vem de onde?

— Eu venho lá do babau.

—Você estava olhando o babau, foi? Cadê Joãozinho?

—Ele estava lá vendendo laranja.

Joãozinho era meu irmão, o encostado a Né. Meu irmão de criação, o sobrinho que dizia que eu era irmã. Ela disse: “—E cadê Joãozinho?” “—Está lá, ficou lá ainda.” “—E por que você veio embora?”. Mentira, eu vim embora logo porque eu já tinha feito. Não era trepar, o negócio era sarrar. Eu não tinha coragem de dar a bunda, não. Eu não dava. Era sarrar. Eu amava. Quando eles faziam... Ai, como era gostoso. Foi o que fez sair de dentro. Foi isso, era embutido. Como se chama, atrofiado. Eu ficava toda atacada que eu não queria que ele botasse, advinha como eu fazia? Nas cochas, ele jurava que estava... Foi o que fez eu não querer atrás, porque eu me sentia bem.

Saía só com quem? Com os boyzinhos. Qualquer coisinha... Novinho. E naquele tempo não tinha esses negócios de droga. Agora tem droga. Eu, agora, nessa idade, sendo jovem, sabia que ele ia puxar, por que tem disso, né? Mas não deixei. Mas, menino, haja custar e eu toda l... Ele disse:

— Por que você é assim, a sua priquitinha? Porque eu com essa idade já joguei, por que tu não?



Eu dizia:

— Ah, vai tirar. Tira de dentro de mim.

Eu não aguentava mais. Mas ele era carinhoso, fazendo carinho, massagem.

O rapaz rico, eu ia me iludir com o rapaz rico? Toda vida eu fui esperta. Já grandinha, com 13 anos. Não, eu saí de lá ia fazer 15 anos. Comecei mesmo a dar, foi em Natal. Neto foi quem tirou minha virgindade. Ele também era virgem. Ele só pegou atrás de mim, porque eu não dava de jeito nenhum. Ah, não, eu tinha medo. Meu negócio era a frente.

— Olha, não se preocupe, não. Eu vou comprar isso e isso, não vai te machucar.

— Só vai usar isso mesmo, porque na frente não entra nada, só sai.

Quando eu saí de Natal ia fazer 15. Fiquei uns dias em Mari até o capitão saber que eu estava lá. Minha mãe ainda empatou de eu sair, de andar para a rua. Porque mãe notou que eu estava mais ainda, que eu me transformei mais em mulher, cresceram as pernas, ficou bem diferente. Mas quando fui crescendo, muita coisa era para não ter feito. Era, se não quisesse ficar com o negócio atrofiado. Mas eu gostava. Porque, quem não gosta?

Minha mãe pegou o Geraldo, meu irmão que era fraco do juízo. Eu dizia: “— Mãe, quero voltar para Mari”. Ele era fraquinho... a namorada adoeceu ele. Está vendo como naquele tempo já tinha gente mafiosa? Foi porque o rapaz não quis a menina. Meu irmão [...] Ela fez uma ameaça, se você me deixar... Foi dito e feito.

Ele não acreditou, morreu doido. Porque mãe não acreditava, não foi atrás nem nada. Geraldo pediu, “— Mãe, quero ir para Mari”. Em Natal, mãe tinha medo de soltar ele, deixar à vontade. Foi internado aqui no negócio dos doidos. Aqui em João Pessoa. Ele foi embora a pé daqui até em Mari. Fugiu. Caminhando, fugiu do “coisa” dos doidos, do Juliano. Chegou lá só o catatau. Disse a mãe qual foi o motivo. Doidinho, mas ainda falava com a gente. Gostava de mim que só. Ele veio embora. Quando chegou em Mari, o capitão descobriu que eu tinha voltado de Natal para cá e mandou me pegar de carro. Ele ainda tinha uns parentes nessa fazenda. Lá, os parentes dele descobriram que eu estava em Mari. O capitão foi me pegar, e até hoje.



Iraci, Nildo, Normando, Neura, Lúcia, Neli já estavam na casa do Capitão Eliezer. Não, Neli era com a gente. Lá em casa ficou Lúcia. Lúcia ainda morou com a gente. Não estava na casa dela ainda, não. Neura estava solteira. Nilza estava solteira. Nilson me paquerava – quatro – estava solteiro. Normando era casado, mas morava no primeiro andar em cima. Eu, seis. Tinha o capitão Eliezer, sete. Dona... Esqueci o nome da minha patroa. Estava tendo até uma foto da bichinha por aqui. Eu fui crescendo, tinha que ajudar, né? Mas tinha empregada lá, eles pagavam tudinho. Depois que a empregada saiu. Quando era pequena eles não deixavam, mas, quando fui crescendo, já que eu era de casa... Iraci, Dona Iraci. Oito. A casa era assim, tu sabes como é, né? Os filhos iam todinhos para lá. Era, tinha empregada. Como era o nome dela, Jesus? Maria, empregada lá de casa. Isso tudinho, era gente. Sim, e tinha Iara que era caçula, mais nova que eu. Eu comecei a trabalhar depois que saí da casa dele, que eu queria ser liberta. Livre, porque ele metia medo de eu sair. Não namorava, nem nada. Se namorasse, era tudo escondido. Namorava escondido.

Cada tempo que eu ficava na casa do capitão, o homem rico, eu ficava mais feminina. Pobrezinha não tinha como. Foi outro tererê quando eu voltei. O Capitão de Campo, capitão Eliezer, de Tambauzinho, foi na minha casa pediu a minha mãe para tomar conta de mim. Porque eu era bem pobrezinha. Ela não tinha condições de dar tudo que eu precisava, né? Que eu precisava não, que eu queria. Já que eu era mocinha, era menina, fui crescendo. O capitão Eliezer pediu para tomar conta feito uma pessoa da família dele. Depois, não fui mais para Mari, fiquei aqui em João Pessoa, me casei aqui em João Pessoa. Arrumei casa, arrumei marido, tudinho aqui em João Pessoa. Era bom. Foi ele que me assumiu.

Ah! Foi ele que botou o nome Nina, por causa de uma novela que chamava Nina. Ele disse:

— Ô, Ninor!

— Senhor.

— Venha cá.

Ele estava assistindo televisão, era até em preto e branco nesse tempo, aquela televisão antiga, aquele bauzão:

— Está vendo o nome dessa novela?

— Estou, senhor.



— Pois seu nome vai ser o nome dessa novela. Seu nome agora vai ser Nina. Não tem nada de Ninor. Ninor é nome de homem. Você agora vai ter nome de fêmea. A partir de hoje, de agora, já sabe, seu nome é Nina.

— E a minha mãe vai aceitar?

— Você mora com quem? Você mora agora com a gente. Se a gente vai aceitar mudar seu nome, ela vai aceitar também.

Foi dito e feito. Até hoje. Eu cresci lá, eu ia para o interior. Chegava, ela já sabia e tudo. Meu nome ia ser Nina mesmo. Ela aceitou. Não foi contra, não. Meu pai nesse tempo já tinha morrido. Ele morreu de bebida, de tanto beber cana. Acabou, ele morreu. Agora, ela não está mais viva. Aconteceu uma coisa, esses tempos. Ela ainda era viva. Ela só veio morrer depois que eu me casei com Genival.

Comecei lá com o capitão Eliezer. Quando cheguei em João Pessoa, comecei a conhecer as pessoas e terminei com Wilson Braga. De Wilson Braga, eu me casei com Genival. Comecei a fazer coisa de aniversário, lembrancinha. Esses negócios assim. Enfeitar clube. Era só quando era chamada, não era direto. Quando o povo precisava, já como eu tinha aquele dom, fazia, dava opinião. Que nem minhas festas. Até hoje eu faço, por quê? Porque eu sei.

Era uma femeazinha mesmo. Foi o pai de Ricardo, que é advogado, que me chamou para a casa de seu Wilson de Menezes. Lá, eu não vou mentir não, fiquei com liberdade mesmo. Lá foi quando eu comecei a namorar, conhecer as pessoas, né? Ia para as festas com os filhos dele, eles me levavam. Os meninos dele me levavam, os rapazinhos. Nesse tempo, era assustado. Eles faziam assustado. Faziam a festa americana. Comecei a sair com eles. Aí comecei outra vida, namorar, namorei, me casei. Foi com Genival. Foi quando eu fiz 30anos. Nesse tempo eu estava lá no Cordão Encarnado. Lá no centro da cidade.

O capitão Eliezer era em Tambauzinho. Eu saí de Tambauzinho, aí seu Wilson me levou de Tambauzinho para o centro da cidade. De lá, fui morar na Franca Filho, na praia. Esse povo também, o capitão. O capitão não, seu Wilson de Menezes. De lá, fomos lá para Treze de Maio. Eu morei em um bocado de canto com eles. Para onde eles iam – já que eles tomavam conta de mim –, aí quando eles iam, eu ia também.



Depois de Wilson de Menezes foi Wilson Braga. Engraçado, fui para as casas com o mesmo nome, mudava só os sobrenomes. Era uma família. Conheci seu Wilson de Menezes nas políticas. Wilson Braga pegou, “— Você não quer trabalhar com a gente, não?”. Eu disse, “— E seu Wilson?”. Wilson Braga era governador. Ele disse: “—Eu posso tomar conta de você, é só você ficar com a gente”. Aí, tu sabes, né? Eu, pobre, ia dizer não? “— E, outra, seu Wilson quer você lá como filho de casa? Acho que não quer nem dar nada a você, não quer te ajudar em nada e você já está uma pessoa grande. Você tem que ter suas coisas” – dizia isso comigo. Atiçando para eu ter dinheiro. Só sei que eu fiquei.

Fugi da casa de seu Wilson de Menezes no tempo das políticas para morar com Wilson Braga, no tempo que ele era governador. Eu dei tanta sorte que nesse ano ele foi governador mesmo. Quando Lúcia Braga pegou, ia ter esse show de transformistas no Show do Bolinha, de São Paulo. O Show do Bolinha estava de caravana, viajando pelos cantos. Veio bater aqui em João Pessoa. Dona Lúcia Braga –quem mandava eram as mulheres nesses negócios de show, essas festas.

Lúcia Braga sabia que aqui tinha travesti, tinha homossexual, mas era tudo *coisado*. Ela fez um comentário na televisão, dizendo que queria dez homossexuais para fazerem show no Show do Bolinha. Ela me botou no meio. Eu fiz até o show da Madonna. “— Vai ter as viagens, as caravanas para viajar também”. Eu viajei mesmo. Ainda fui para Fortaleza, fui para Patos, fui para Maceió e de Maceió voltei de novo para João Pessoa, para entregar os componentes que saíram daqui, com o cantor.

Fernanda Bevenuto, Roberta, Chiclete, como é o nome da outra? Foram muitas. Tinha umas que eu não conhecia, não tinha intimidade. Foi chique. Ficamos algumas horas em Campina Grande, passaram lá também, pararam. A gente ficava nos hotéis. Foi chique. Quando voltei, fiquei na casa de Wilson Braga de volta. Eu trabalhava dentro de casa mesmo, comecei a trabalhar como diarista depois que me casei, quando já estava com Genival.

Ele trabalhava do lado dele, e eu do meu. Ele trabalhava de garçom, em restaurante. Comecei morando no Miramar, que nem quem vai lá para a praça das Muriçocas, naquela parte de baixo, naquele bequinho apertadinho. Passamos mais de ano. Ficamos ali uns 2 ou 3 anos. Quando eu me casei, Genival estava com 18. Eu estava com 33, parece que é isso mesmo. Quando eu conheci Genival, que eu descobri a idade dele, não tive coragem porque ele era muito



novo. Não quis me envolver. Mas eu não abandonei ele, ele lá e eu cá. Ele novinho e eu já velha. E eu disse:

— Tem uma coisa: você quer morar comigo, só não quero de aluguel.

Fui logo avisando:

— Aluguel, não. Você consiga dinheiro. Eu te ajudo, mas não quero morar em aluguel porque não presta, não rende seu dinheiro nunca. Seu dinheiro sempre acaba.

Foi dito e feito. Quando ele “ficou de maior”, que eu descobri a idade dele, abandonei ele. Quando ele “ficou de maior”, eu já estava lá em seu Wilson Braga. Foi, que ele disse:

— Não, Nina, desde que não saia com ele, fique sempre aí no seu canto, eu não empato. Eu vou te dar uma força, para você e para ele, que eu estou vendo que ele é uma pessoa boa e está te respeitando, como você é uma fêmea. Não está te respeitando como você sendo travesti, nem viado, não. Está respeitando você uma fêmea, por causa disso eu vou te dar apoio. Foi dito e feito. Ele fez o casamento. Olha aqui como era chique a casa dele. Era só vidraça e a piscina aqui do lado. Quando eu chegava, a esposa dele era doida por mim. Tinha que bater foto chique nos cantos. Ainda me lembro, “Chegou Nina!”. Ainda me lembro, ela corria lá para bater foto.

Figura 2 – Casa de Seu Wilson Braga (2000)



Fonte: Arquivo pessoal de Nina Kelly.

Nilza era parente desse povo, do dono do Atacadão. O irmão era marido de Nilza e eu não sabia. Eu já no meu canto, na minha casa. Só que quando eles queriam alguma coisa comigo, vinham, me levavam lá para fazer festa, ver as coisas. Ela pegou e disse: “—Olha, Nina, vem aqui em casa”. Foi lá em Tambauzinho. Cheguei lá, ela pegou disse: “—Sabe o que é, Nina? Tu



não sabes de nada. Tem uma festa, uma amiga minha lá na praia, em Tambaú, que está precisando de uma pessoa para fazer comida e fazer uma decoração”. Vieram me pegar num carrão bem grande, eu sem saber que era o dono do Atacadão. Vim saber no dia da festa.

Ficou calado lá, acho que quiseram fazer uma surpresa a mim. Peguei e fui. Só sei que chegou lá e a esposa dele, né? Haja conversa, haja conversa:

— Você faz isso mesmo?

— Faço.

— Quer dizer que não precisa contratar?

— Não, negócio de buffet, de comida, não precisa, não.

— Você toma conta?

— Tomo. O aniversário é de menina ou de menino?

— É do meu filho, ele vai fazer 15anos. É de Zé Neto.

Zé Neto não, menino. Zé Neto é o primo dele. Como é o nome do rapazinho nesse tempo? Eu disse: “— Melhor ainda. Sabe o que é o enfeite, fulana?” É isso e isso e isso... Comecei a orientar a mulher porque ela ainda estava em dúvida do que era para fazer. Para tu veres como eu era capeta. “— Faça do jeito que eu estou te dizendo”. E eu não tinha nem intimidade com ela. Ela fez, “— Porra, a menina nem me conhece. E está mandando eu fazer isso”.

Até o buffet quando chegaram. Porque teve o buffet. A parte da comida eu tomei conta e eles tomaram conta de outra repartição. Até o buffet. Quando tinha festa, os buffets me contratavam para fazer ajuda, para dar uma mão nos pratos, para orientar. Nisso, quando a festa começou, os DJ, dança... Casa de gente rica tem os cantos de festa, os palcos. Aquele negócio. Eu peguei, mandei fazer aquelas mesas para o salão de festa, mas menina! Comecei, com três dias dei conta.

Eu e as empregadas que tinha lá, eu fui só como chefe, né? Fui só como chefe, orientando as meninas. Como era assim, assim e assim. Coisas que elas não sabiam. Quando começaram, até o buffet, quando viram tudo pronto, ficou assim, ó. “— Ela nunca trabalhou em buffet?” A



menina, “— Não, é uma vez ou outra. A dona da festa contratou ela só para dar orientação aqui”. Tu não sabes de nada, me contratou. Foi. Para ficar com eles lá na casa mesmo. Não foi na loja, não. Foi na casa do dono. Eu peguei e haja lá, haja lá e haja lá. Aí o dono da festa, o pai dos meninos, do aniversariante, chamou:

— Vânia.

— Diz, Beto.

— Cadê a menina? Apresente ela aqui.

Eu fui, quando olhei, “— Ai, que homem lindo, lindo”. Era lindo o dono, jovenzinho, novinho. Lindo, os olhos azuizinhos, lindo. Eu disse, “— Ai, que coisa linda”. Eu via, mas ia adivinhar que era o pai dos meninos, do rapazinho? As meninas filhas, tudinho. O pai não via, porque você sabe como é dono de loja, fica o dia todinho nos gabinetes, nos negócios. Quando eu olhei, ele disse:

— É você que é Nina?

— Sou, sim, senhor.

— Você é irmã de criação de Nilza, é?

— Oxe, e o senhor conhece Nilza? Nilza é minha cunhada.

— E é?

— Não foi o pai dela que criou você?

— Foi, senhor.

— Você sabe com quem está falando?

— Ela disse que o nome do pai do menino é Beto.

— Beto Wanderley, eu sou dono do Atacadão dos Eletros. E você está contratada para ficar aqui.



Estás vendo? Eu sem saber ler, sem leitura. Por isso que eu digo: o que é que a sua experiência não faz? Fiquei na casa do dono do Atacadão, me contratou. Eu digo: “—Seu Beto”. Aí fui logo chamando Seu Beto. “— Pode chamar de Beto”. Um boyzinho, novo. “— Pode me chamar de Beto. Você vai conhecer meus irmãos. Você já conhece Belô?”. Eu disse:

— Não.

— Belô é o que mora com a sua irmã.

— Mas, olha, pelo amor de Deus.

— Você não frequenta mais lá, né?

— De fato, que eu sou casada, moro na minha casa e tenho outros serviços.

Lá vem Belô, outro bonitão. Só que Belô já é mais velho do que Beto, o marido da minha irmã. Eu peguei e disse:

— Mas, olha, pelo amor de Deus. Homem, pelo amor de Deus.

— É você a Nina, né?

— Sou, senhor.

— Prazer, viu. Nilza disse que você chegou lá pequenininha, não foi?

— Foi, senhor. Uns 10 ou 9anos, e Nilza era jovenzinha também. Aí pronto, ficou como família.

— Ah, não. Você vai ficar com a gente. Meu irmão já disse que você vai ficar. É bom que você já faz parte de nossa família.

Foi logo dizendo mais isso. Foi. E me respeitavam, sabiam que eu era travesti, mas o quê? Os meninos, os aniversariantes, os filhos e as filhas, porque só tinha ele de rapazinho mesmo. O resto é só fêmea. Tudo doido por mim. Era tão sério que quando eu saí ele me orientou: “— Não trabalhe para ninguém.” Foi, mesmo depois que eu saí de lá, ele me orientou:



— Não trabalhe para ninguém. Porque você tem tudo para trabalhar para você. O dinheiro que você vai ganhar daqui, já que você não quer mais ficar com a gente, você guarde. E a gente vai fazer um negócio para você. E vai ser para você ficar em casa.

Fiquei contente, “— E o que é, Seu Beto?” – eu disse. “— Você vai trabalhar em loja de brechó”. Tu sabes roupa de rico como é, né? Foi o que me levantou mais ainda. Ele mandou eu guardar. Juntaram-se o povo de Recife, o povo aqui de João Pessoa, de Natal, que ele também tem loja. Em todo canto ele tem loja. Em todo canto. Chegou. Olha, só de roupa. Roupa nova de brechó. Da família, né? Passou para ele, que já sabia para que era aquilo. Eu disse: “—Seu Beto, ave Maria!” Já gostava dele. Não queria que eu me metesse mais de trabalhar para ninguém. Não foi nada dele.

Diz o que foi? Uma irmã dele que fez isso tudo. Não foi o dono da loja, é tão certo isso. Por isso que estou dizendo a você. Ele não queria que eu trabalhasse mais para ninguém. Que era para eu ser dona de casa e abrir essa lojinha do brechó para mim. Nisso, teve umas partes que eu desmanchei na frente da casa. Já morava aqui, mas a casa não era desse jeito. Era diferente. Remodelei tudo de novo. Não tinha nem esse quitinetezinho de lado, faz tempo. Faz muito tempo. Eu disse: “— E aí?”. “—Não precisa alugar canto nenhum, para não gastar seu dinheiro. Você faz na sua casa mesmo.”

Mas, o quê? Depois, quando eu abusei das roupas, fui lá no Atacadão, ele disse: “—Vou dar a ordem lá para você pegar coisas para revender. Tudo no precinho e você ganha seu dinheiro em cima”. Era DVD, era televisão, era ventilador, era ferro elétrico... Tudo de miudeza. Tudo com garantia. De lá do Atacadão. Ele disse: “—Mas não acabe com o brechó, não.” Eu disse: “—Está certo”. Sempre o povo me orientava. Eu dizia: “—Sim, porque no brechó o preço é menor”. Foi dito e feito.

Isso aqui já era do Atacadão dos Eletros. As peças que eu ia pegar lá: ferro elétrico, ventilador. Isso aqui era minha loja, já. Era muita coisa. Quando ele disse, pode ir lá que você tem direito de pegar o que quiser lá para você revender aqui.



Figura 3 – Brechó da Nina (2010)



Fonte: Arquivo pessoal de Nina Kelly.

Os bairros em que eu já morei –Castelo Branco, comecei em Tambauzinho. Bairro dos Estados. Como é que diz? Treze de Maio. É muito canto. Tudo em casa. Qualquer pantim, eu saía quando não prestava. Não levava desaforo. No Cristo Redentor, Centro da cidade, no Cordão Encarnado. Deixe-me ver, Cabo Branco, Manaíra. E lá em Beto, em Tambaú. Trabalhei em Tambaú com Beto. Trabalhei na casa de Beto duas vezes. De Tambaú fui para o Bessa. Em Miramar, foi quando me casei.

Com Genival, eu ainda morava na casa de seu Wilson. Morava com Seu Wilson de Menezes. Não era com o capitão mais não, já estava com outro povo já. Ele trabalhava num canto, ele ainda era jovem. Eu só queria ele quando eu tivesse na minha casa mesmo, [quando]a gente comprasse casa e tudo. Eu não queria morar em aluguel, não. Ele trabalhava num canto e eu no outro. Eu trabalhava com Seu Wilson. Sim, depois Seu Wilson começou a me dar mesada. Que ainda nesse tempo, eu ainda não... Já como ele tomava conta de mim, ele me dava mesada. Do jeito que ele fazia com os filhos, ele fazia comigo.

Aí eu saí juntando aquele dinheiro da mesada que ele me dava. Fui juntando, juntando... Fui comprando minhas coisas. Foi, eu já estava com aquela tendência de morar com o menino, com Genival. Todo dinheiro que seu Wilson me dava, eu guardava. Trabalhava lá com Seu Wilson. Comecei a trabalhar quando Genival disse que Seu Wilson ia fazer nosso casamento. Nesse tempo era proibido.

Não podia, de dois sexos não podia. Ele pegou e fez nas *entuca*. Aí casamos, e pronto. Fiquei quase 2 meses ainda com Seu Wilson, enquanto ele conseguia a casa. Pronto, quando ele conseguiu a casa. Apanhei um emprego na casa de Assis Camelo, o nome do homem era Seu Walter. Eu fui morar na casa de seu Walter, da família dos Camelo. Família antiga, fui morar



com eles. Genival trabalhava na casa de seu Judivan Cabral, que era um vereador daqui de João Pessoa. E eu trabalhava na casa de seu Assis Camelo.

Numa família só, eu já trabalhei na casa de Assis Camelo, Milton Camelo e Walter Camelo. Numa família só, para você ver como eles gostam de mim. Só da mesma família. Naquele tempo, quando tinha festa numa casa, só eu ia lá falar com os irmãos para fazer a festa. Eu já trabalhava com negócio de bolo, de enfeitar as coisas quando precisava. Com a família de capitão Eliezer, de Nilza, ele tinha uma filha chamada Nilza. Ela se casou com Belô. Mas eu não sabia de que família que Belô era.

Meus patrões eram tudo... Que me ajudavam. Trabalhei um bocado de tempo com ele, parece que uns 2anos. Sim, fiquei com a mulher de Ricardo. Fiquei um bocado de tempo com a Devani Pinto, que é advogada e ia para lá também ajudar ela. Só que na casa dela era só diarista. Quando a empregada saía, eu ia para lá, ela me chamava. Ou então quando tinha festa, quando tinha festa era comigo também. Aí desse jeito... agora estou velha. Estou separada, fico na minha casa.

Quando eu saí da casa de seu Wilson, fui morar na minha casa. Foi quando eu comecei a trabalhar. Aí saí conhecendo. Eu comecei a trabalhar no Atacadão dos Eletros por causa de minha irmã de criação, que é a filha do capitão Eliezer, que me tirou de Mari. Aí Nilza casou, só que casou com o irmão do dono do Atacadão. Só que eu não sabia, não tinha intimidade. Fui ali para o Miramar. Quando eu saí da casa fui para o Miramar, aí do Miramar fui para a Santa Clara, na parte de baixo, na favela. Aí da Santa Clara, vim aqui para cima. Morar aqui em cima. A casa era minha. Foi com Genival, com quem eu me casei. Foi o que durou mais tempo, passei quase uns 15anos com ele.

Figura 4 – Genival (2011)



Fonte: Arquivo pessoal de Nina Kelly.



Quando deixei Genival foi embaixo, já vim para cá só. Fiquei com medo de ele cair depressivo. Deus me livre de acontecer nada com ele. Fiz um acordo com ele, aceitou. Só que ele ficou implicando do acordo. Coitado, em saber que estava na casa e não ter nada com a pessoa com quem ele casou. Eu não quis, tomei abuso quando descobri a traição. Tomei abuso, não quis papo. E outra, que foi através de macumba. Até no Atacadão dos Eletros, ficou... por causa da convivência. E quando chegavam os brindes aqui, os presentes da loja? Ave Maria.

Até os presentes quando vinham de lá, ele achava que aquilo era um macho que estava me dando. E eu precisava conversar com ele, “— Está chorando por que, Genival?” “— Isso foi algum macho que mandou para você, não foi, Nina?” Eu dizia, “— Genival, isso é da loja. Isso é porque eu sou uma funcionária boa, Genival. A empresa manda o brinde. Porque está vendendo bem, por isso que estão mandando”. Era ciumento. Pegou depressão depois que eu deixei, depois da separação. Depois que ele veio do Rio. Porque eu deixei Genival mesmo já depois que ele foi embora para o Rio. Quando ele voltou do Rio com a dona e três filhos.

4. A migração como encontro de nossas lembranças

A leitura latino-americana das sexualidades e identidades de gênero dissidentes abre, de fora a fora, o corte interseccional. Para a chilena Hija de Perra (2014), os conceitos de gênero e sexualidade são informados diretamente pela classe social, raça, território, religião, educação. Nos trópicos, o buraco é mais embaixo. Rogério Haesbaert (2008), discutindo a questão da territorialidade e das identidades territoriais, aborda as diferentes dimensões do espaço, segundo Henri Lefebvre, distinguindo: as práticas espaciais, ou espaço percebido; as representações do espaço, ou espaço concebido; e os espaços de representação, o espaço do vivido.

Território, em seu repertório, corresponde à dimensão política do espaço, envolvendo as relações de poder; territorialidade emerge como categoria para pensar os espaços simbólicos, o território em sua existência simbólica. (HAESBAERT, 2008) Afirmando o tempo de imobilidade em nossa sociedade de insegurança, Haesbaert (2008) experimenta o conceito de “contenção territorial” para se referir à territorialização de massas, regulando a desordem do espaço.

Milton Santos (2011), pensando a organização político-territorial da sociedade brasileira na contemporaneidade, destaca as tensões entre cidade, campo e periferia. O geógrafo marca o componente territorial na cisão entre espaços fluidos e espaços fixos, acessados conforme a lógica do consumo, as forças do mercado e do governo; na cidade, supervalorizam certas áreas e



empobrecem as periferias. Segundo o autor, os pobres são prisioneiros do lugar, onde os bens e serviços da rede urbana constituem uma realidade onírica.

Benhur Pinós da Costa (2008) discute na interface de território, gênero e sexualidade, a territorialização de uma comunidade gay imaginada, diante da estigmatização de nossos corpos em espaços públicos, a formação de guetos marcados pela sensação de pertencimento, trocas de afeto e livre expressão de identidades de gêneros e sexualidades divergentes. As boites, cinemas, shows de transformistas, concursos *drag* são lugares de territorialização de nossas identidades. Com toda a visibilidade, intensificam-se as microterritorializações acessadas pelo consumo.

Na narrativa de Nina Kelly, a incorporação do gênero acontece na migração, na máquina de costura, no cimento e no tijolo que edifica a casa própria. Mais que um domicílio, um espaço de realização de sua fantasia, paga pelo preço da solidão. Conectar-se às dores do Outro constitui a tarefa essencial dos direitos humanos, em suas dimensões práticas e teóricas. (VILELA, 2000)

Os momentos de campo mais enriquecedores foram aqueles em que me senti sozinho, distante da família pelas cobranças do capital em acessar a Pós-Graduação e pelo afastamento homofóbico, e fui até a residência de Nina para uma conversa. Nascido em Xique-Xique, cidade localizada na beira do rio São Francisco, no sertão da Bahia, em uma trajetória errante de migrações, estou atualmente entre Natal/RN e João Pessoa/PB, me organizando para uma nova mudança.

Cientes de nossas diferenças, nós redescobríamos na dissidência sexual/de gênero um lugar comum: o trânsito. A enunciação da migração no discurso da interlocutora emerge em contato com a perspectiva tradicional de “sexílio”, conceito que agencia as desterritorializações movidas pelas estruturas de abjeção sexual que excluem sujeitos dos territórios em que nascem pela divergência com a cisheteronormatividade, em busca de cidades, estados ou países em que imaginam haver mais liberdade, avanço nos direitos civis, acesso a tratamentos de saúde e uma cultura sexo-gênero dissidente já estabelecida. (MARTÍNEZ-SAN MIGUEL, 2011, p. 16)

Marcelo Augusto de Almeida Teixeira (2015, p. 27) comenta, a partir do conceito de “metronormatividade”, forjado por Halberstan, a imposição da metrópole como destino inevitável para homossexuais da zona rural ou cidades pequenas. A rota para o litoral, traçada por mim e por Nina Kelly, estaria, por conseguinte, inserida nesse mapa compulsório da vivência de nossas identidades no Nordeste, em que os maiores centros urbanos se localizam perto da



costa. No discurso da entrevistada, a mudança para a casa do capitão Eliezer foi fundamental para tornar-se mulher, com as implicações territoriais e econômicas que a estilização do corpo feminino demanda para a travesti.

Para Lawrence La Fountain-Stokes (2004), a experiência migratória *queer* dos países latino-americanos para os Estados Unidos promove o cruzamento da raça e da sexualidade nos movimentos de travessia pelas fronteiras geopolíticas. Ou melhor, nós homossexuais/travestis negras(os) vivemos uma dupla diáspora: além da migração forçada pela escravidão e pelo colonialismo desde o continente africano, atualizada pela opressão imperialista; um deslocamento permanente motivado pelo afastamento da família e em direção a um lugar onde o gênero e a sexualidade dissidentes possam ser vividos em sua plenitude.

5. Considerações finais

Há distância entre o espaço de representação que guia nossas andanças e o espaço do vivido em que nosso corpo habita na luta diária pela sobrevivência. O trabalho de plantação da memória social das dissidências sexuais e de gênero caminha pelo compartilhamento da fala, especialmente quando tratamos da população negra ou de descendência indígena nos países golpeados pelo colonialismo em suas táticas de silenciamento. (KILOMBA, 2010) De minha posição jovem, coloquei-me como ponte, meu corpo, meus ouvidos, meu coração pronto a escutar as histórias narradas pela protagonista da pesquisa e reelaboradas por mim na etapa de transcrição.

Cruzando nossas memórias, desafiando o confinamento dos territórios na sociedade capitalista contemporânea, eu me postei à escuta. Ouvir é o contrário de silenciar. Não sejamos ingênuos, contudo. Foucault(1998) já dizia, ainda mais sobre os dispositivos de sexualidade, que o poder também faz dizer, enunciar a si mesmo, obrigando sujeitos a fornecerem uma imagem susceptível ao controle. Aqui, no entanto, tentamos agir pela dilatação das subjetividades históricas presentes na luta por direitos pelas minorias sexuais brasileiras.

Se tal pretensão foi alcançada com êxito, não tenho certeza. Ao menos, houve a ousadia em tentar. Durante a pesquisa, nos bastidores da entrevista que forneceu elementos para este trabalho, tivemos a oportunidade de gravar um *teaser* para divulgação da festa Kika, em que Nina se apresentou, depois de muitos anos distante dos palcos transformistas. Caso haja uma situação em que os lugares de poder foram subvertidos, exemplifico pelo momento em que ela me montou transformista, gravou e dirigiu minha performance registrada em vídeo. Da mesma



forma, no ano de 2018, aceitei o convite de Nina para desfilar na Ala da Diversidade da escola de samba Unidos do Roger, vivenciando a rua.

O registro de suas lembranças possibilitou navegar por um passado que pode trazer pontos comuns a outras travestis paraibanas em seus fluxos de migração, trabalho, família, relações raciais, sexualidade, escolarização e velhice. O conceito de identidade de gênero enunciado pela interlocutora provoca reflexões sobre o não-lugar de mulher ocupado pelas travestis e transexuais femininas na luta por políticas públicas para o seu segmento. (SILVA, 1993; BENTO, 2006, 2008)

As personagens construídas pela narrativa referem-se às pessoas guardadas na memória ou, de tão deslumbrantes, resultam de suas intenções no discurso? Isto e aquilo! É melhor acreditar na ambivalência do que perder-se no simulacro do verdadeiro. A lição de seus diálogos, gestos, corporalidades e temáticas grafa o estágio movediço em que o real se transfigura no fictício. Ao mergulharmos no oceano das reminiscências trans, enxergamos que o mundo que lutamos para ser verdadeiro está o tempo todo sendo acusado de falsidade, não restando outra atitude perante a vida a não ser estabelecer nossa utopia.

A análise dos direitos e das subjetividades jurídicas sexo-gênero dissidentes latino-americanas pede submetodologias indisciplinadas, elaboradas na tensão dos corpos indisciplinados em espaços de produção do saber institucionalizado. (MOMBAÇA, 2016) Transgressão metodológica, quebra da moldura que retém o espelho eurocêntrico da disciplina. O método das memórias biográficas institui na área interdisciplinar dos direitos humanos um corte contrário à tendência universalizante do humanismo que, na modernidade epistemicida, ainda fundamenta os direitos autoevidentes. (HUNT, 2009)

As singularidades históricas das vivências pessoais têm o poder de transformar o não-lugar social em habitação resistente, selada pela identidade das lembranças, ainda que em deslocamento contínuo. Eis que brota a sensação de que sempre estivemos por aqui no território-nação, que a ausência total de direito legislado em matéria de diversidade sexual e de gênero em nível federal não sedimenta uma comunidade vencida, mas demarca um terreno a ser ocupado pelo vigor cultural que nos confere a força necessária a esse movimento. Viva à arte transformista e aos muitos carnavais de Nina Kelly!



Referências

- BAPTISTA, J.; BOITA, T. Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, São Paulo, n. 5, p. 108-119, 2017.
- BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO, B. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BERGSON, H. *Matéria e memória*. Tradução: Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOSI, E. *Lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.
- COSTA, B.P. Reflexões sobre a geografia e homoerotismo: representações e territorialidades. In: SERPA, Angelo (org.) *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: Edufba, 2008. p. 355-390.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- HAESBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Sposito (org.) *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 95-120.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HUNT, L. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- KILOMBA, G. The mask. In: KILOMBA, G. *Plantation memories: episodes of everyday racism*. Tradução de Jéssica Oliveira de Jesus. 2. ed. Münster: Unrast Verlag, 2010. p. 171-180.
- LA FOUNTAIN-STOKES, L. De sexilio(s) y diáspora(s) homosexual(es) latina(s): el caso de la cultura puertorriqueña y nuyorican “queer”. *Debate Feminista*, Cidade do México, ano 15, v. 29, p. 138-157, 2004.
- LIMA, L. C. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MARTÍNEZ-SAN MIGUEL, Y. “Sexilios”: hacia una nueva poética de la erótica caribeña. *América Latina Hoy*, Salamanca, v. 58, p. 15-30, 2011.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MOMBAÇA, J. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. *Concinnitas*, ano 17, v. 1, n. 28, p. 341-354, 2016.
- PERRA, H. Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/2ITKu5P>. Acesso em: 20 out. 2016.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- REY, F. G. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. Tradução: Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- RICCEUR, P. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas: Unicamp, 2007.
- SANTOS, M. *O espaço da cidadania e outras reflexões*. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.
- SILVA, J. M. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. In: SILVA, Joseli Maria (org.) *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade*. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009. p. 135-149.



SILVA, H. R. S. *Travesti: a invenção do feminino: etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

TEIXEIRA, M. A. A. “Metronormatividades” nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil. *Áskesis*, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 23-38, 2015.

VANOYE, F. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. Tradução: Clarisse Madureira Saboia. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

VILELA, E. Os arquivos da dor. In: CARVALHO, Adalberto Dias de (org.). *A educação e os limites dos direitos humanos: ensaios de filosofia da educação*. Porto: Porto Editora, 2000.

